

GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE

A ³⁰³ Conexão de Lisboa é a do PC-FRELIMO

Nenhum desmentido foi feito pela Rádio ou pela Imprensa de Maputo aos êxitos militares da guerrilha anunciados nos mais recentes comunicados da RENAMO, designadamente a tomada das bases de Mueda, de Namarrói e de Catur, o bombardeamento dos portos de Nacala e de Quelimane, ou o milhar de baixas que os rebeldes dizem ter infligido às forças governamentais durante o mês de Outubro. Em contrapartida, aquelas fontes informativas anunciaram a detenção de mais um português, Mário Cabral, residente em Pemba (antiga Porto Amélia) e que antes dele havia sido preso outro, de nome Rosa, acusado de haver instalado no seu quintal um acampamento de guerrilheiros. A ser verdade, deve tratar-se de um quintal muito grande...

A falta de comunicados militares da FRELIMO é-se forçado a concluir que o partido único que governa em Moçambique está menos apostado em combater os rebeldes pelas armas do que pela guerra psicológica. Com efeito, o noticiário governamental é cada vez mais pródigo em notícias de assassinios de cooperantes estrangeiros e em relatos de atrocidades cometidas pelos guerrilheiros. Curiosamente, algumas dessas atrocidades — mulheres mortas por espancamento ou crianças de colo lançadas vivas para fogueiras... — são idênticas às cometidas pelo Exército do Zimbabué na área da Matebelândia e há tempo verberadas quer pela Imprensa inglesa, quer pela Conferência Episcopal da África Austral. Sabendo-se das relações que existem entre o Zimbabué e a «Brigada Limpo», actualmente ao serviço da FRELIMO para a execução de «serviços sujos», talvez se possa chegar a conclusões pouco abonatórias para os governamentais moçambicanos.

A guerra psicológica praticada pelo Maputo, continuou a desen-

volver-se também fora das fronteiras moçambicanas, procurando convencer-nos de duas falsidades de perfil tipicamente marxista: a de que na RENAMO existe uma «componente portuguesa» única responsável pela continuidade da luta e que essa componente está em conexão com Lisboa.

«Há de facto uma conexão de Lisboa — comentava há dias o delegado da RENAMO para a Europa, Jorge Correia, a quem havíamos pedido o ponto de vista do movimento presidido por Afonso Dlakama — mas essa conexão, cada dia mais clara, é a da FRELIMO com o Partido Comunista de Álvaro Cunhal. E cada vez mais clara através da leitura do jornal dos comunistas portugueses, que se tornou o altifalante da propaganda de Maputo. Altifalante, aliás, de sons bastante distorcidos. A semana passada, por exemplo, «o diário» referia como relacionado à RENAMO, em Lisboa, os nomes de Vasco Leitão, Palha Cardoso, Máximo Dias e Armando Chipenda, pessoas cuja existência ignoramos. Outro exemplo: o mesmo jornal denun-

António Maria Zorro

ciou o jornalista Alexandre Sloop como sendo um colaborador da RENAMO, pondo ao serviço desta o seu escritório na Praça das Flores. É ridículo porque Alexandre Sloop apenas desempenha as funções de representante em Portugal da agência noticiosa United Press e é nessa qualidade que recebe e transmite, quando entende que vale a pena transmitir, o noticiário que a RENAMO envia à United Press e a todas as agências noticiosas. Além disso, o Sloop não tem, que eu saiba, qualquer escritório na Praça das Flores. O autor da pretensa denúncia deve conhecer mal a toponímia de Lisboa e confundir a Praça das Flores com a Praça da Alegria, onde estão e sempre estiveram os escritórios da United Press.

Desertores da FRELIMO passam por aldeãos perseguidos

Na opinião de Jorge Correia, a FRELIMO e os seus apoiantes estrangeiros estão a exagerar nesta campanha, que apenas pode servir para consumo interno nesta área moçambicana controlada pelos governamentais:

«Há coisas — observou — em que ninguém de bom senso pode

editar, tais como a alegada escalada de violência dos guerrilheiros contra as populações rurais e contra os cooperantes estrangeiros, especialmente os portugueses. Um movimento guerrilheiro precisa em absoluto do apoio das populações rurais para se poder manter e desenvolver. Se outros motivos não houvesse, motivos de ordem ética e de coerência com o programa da RENAMO, aquele bastaria para que a guerrilha não flagelasse as populações rurais, conforme a FRELIMO pretende fazer crer. O mesmo acontece em relação aos alegados assassinios de cooperantes estrangeiros. Assassinios propositados, independentemente das mortes dos que sejam vítimas ocasionais de operações de guerrilha? Mas para quê? Que interesse poderíamos nós ter em alimentar desse modo a imagem de bandidos armados com que os comunistas insistem em nos descrever? Seria muito estúpido da nossa parte. Mas não tenho dúvidas de que a FRELIMO continuará a proferir calúnias a nosso respeito».

Jorge Correia recordou-nos que, quando do desaparecimento de cooperantes portugueses e italianos, que a FRELIMO afirmou terem sido assassinados por rebeldes, a RENAMO se declarou à disposição dos governos de Lisboa e de Roma para que estes procedessem a um inquérito «in loco». Não teve resposta.

por outro lado — e conforme nos disse, a concluir — quando da sua recente estada em Pretória, por motivos das falhadas conversações tripartidas, ficou sabendo do próprio vice-ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Louis Neil, que a Suazilândia pedira auxílio à África do Sul para resolver o problema das muitas centenas de moçambicanos refugiados no seu território e que a propaganda da FRELIMO garantia serem aldeãos fugidos dos ataques da Resistência: «Não eram. Pelas autoridades suazis o ministro Louis Neil ficou sabendo que todos os refugiados eram... desertores das forças governamentais».

Joana Simeão ficou esquecida

Entretanto, em Maputo, o presidente Samora Machel ainda tem tempo para se preocupar com as mulheres. Esclareça-se: não se trata de manifestações «donjuanistas» do chefe de Estado da República

pública Popular de Moçambique, nem de quaisquer aventuras sentimentais. A preocupação de Samora Machel pelas mulheres é de ordem rigorosamente política, e, como é óbvio, de cariz marcadamente totalitário.

Samora falou no encerramento da Conferência Extraordinária da OMM (Organização da Mulher Moçambicana) e frizou que as mulheres do seu país perderão a nacionalidade se casarem com estrangeiros e que os moçambicanos que com estrangeiras se matrimoniarem serão excluídos de funções governativas e dos quadros dirigentes do partido único. Quando se veste de marechal, o presidente Samora encomenda as fardas a um alfaiate de Londres, mas, quando se trata de governar, continua a vestir segundo os

mais apurados figurinos dos regimes totalitários.

A Conferência Extraordinária da OMM — diga-se a propósito — versou uma grande quantidade de assuntos, desde o adultério à prostituição e à «integração da mulher na sociedade produtiva». Houve contudo um assunto que deveria interessar todas as mulheres de Moçambique e acerca do qual se não disse palavra: qual o destino que teve uma mulher chamada Joana Simeão, paladina da independência de Moçambique, dirigente de um movimento independentista, presa com outros líderes partidários logo após a entrega do poder à FRELIMO e que desde então — já passaram quase dez anos — desapareceu misteriosamente. Ou criminosamente, para se falar claro.

DIABO (O)

Porto

13. NOV. 1984